



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A religião e os encontros coloniais: amor, sexo e morte em Marshall Sahlins e o caso do Capitão Cook.

Por: Rafael Egídio Leal e Silva³⁷
rafael.silva@ifpr.edu.br

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar o tema da cultura e da religião segundo a antropologia, utilizando aqui como referência os “encontros coloniais” analisados sob a ótica da antropologia histórica, de M. Sahlins (2003), especialmente o caso do capitão Cook, que, aportado em fins de 1778 e início de 1779 nas ilhas do Havaí foi ali tratado como figura divina, de acordo com a visão religiosa daqueles nativos, episódio que se revelou trágico com a morte do capitão. O tema da religião justifica-se por ser tema recorrente e fundamental para compreensão dos fenômenos culturais e sociais, e seu entendimento histórico é fundamental para a compreensão das relações humanas, inclusive em torno da ideia da alienação humana dos bens culturais. A análise aqui proposta também pretende questionar a forma que o capitalismo se expandiu, para além da lógica da exploração pura e simples dos povos dominados. Na primeira parte deste texto, a partir da leitura de Geertz (1989) e Berger (1985), procuraremos relacionar o tema da cultura e da religião. Na segunda parte, questionaremos o tema da religião nas concepções de antropologia histórica de Marshall Sahlins.

Palavras-chave: Antropologia. Religião. Colonização. James Cook. Marshall Sahlins.

37 É mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, especialista em História das Religiões pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, especialista em Teoria Histórico-cultural pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, graduado e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá – UEM e graduado em Direito pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. É servidor público federal, docente EBBT, docente de Sociologia, lotado no campus do Instituto Federal do Paraná – IFPR da cidade de Umuarama/ PR. pesquisador da Linha de pesquisa Gênero na política e na história: há um conceito de homem em Maquiavel (1469-1527)?, é Coordenador de Pesquisa e pesquisador-efetivo do Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR. É integrante do projeto de pesquisa A relação entre as categorias marxistas e a psicologia histórico-cultural: revelações a partir do cinema contemporâneo, é integrante do projeto de extensão IF-Sophia: diálogo investigativo em uma perspectiva filosófica. É autor de artigos científicos em periódicos nacionais. Co-autor do livro “Cultura organizacional” (2012).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Resumo

Tio artikolo celas analizi la temon de kulturo kaj religio de antropologio, uzante ĉi tie kiel referenco la "kolonia rakontoj" analizitaj de la vidpunkto de historia antropologio, M. Sahlins (2003), speciale la kazo de kapitano Cook, kiu kontribuis en malfrua 1778 kaj frua 1779 en la Havajaj Insuloj estis tie traktata kiel dia figuro laŭ la religia vidpunkto de tiuj indiĝenoj epizodo kiu montriĝis tragika kun la morto de kapitano. La temo de religio estas pravigita esti ripetiĝanta kaj esencaj por kompreni la kulturajn kaj sociajn fenomenojn, kaj ĝia historia kompreno estas nepre necesa por la kompreno de homaj rilatoj, inkludante pri la ideo de homa fremdiĝo de kultura posedaĵo. La analizo proponita tien ankaŭ intencas diskuti la maniero kiu kapitalismo ekspansiĝis trans la logiko de rekta ekspluatado de subjugitaj popoloj. En la unua parto de tiu teksto, en la legado de Geertz (1989) kaj Berger (1985), ni povos rilatigi la temon de kulturo kaj religio. En la dua parto devas pridubi la temon de religio en historia antropologio de konceptoj de Marshall Sahlins.

Ŝlosilovortoj: Antropologio; Religio; Koloniado; James Cook; Marshall Sahlins.

Abstract

This article aims to analyze the theme of culture and religion to anthropology, using here as a reference the "colonial encounters" analyzed from the perspective of historical anthropology, from Sahlins (2003), especially the case of Captain Cook, who, coming in 1778 end and early 1779 in the Hawaiian Islands was there treated as divine figure, according to the religious view of those natives episode that proved tragic with the death of captain. The subject of religion is justified to be recurring and fundamental issue for understanding the cultural and social phenomena, and its historical understanding is fundamental to the understanding of human relations, including on the idea of human alienation of cultural property. The analysis proposed here also intends to question the way that capitalism has expanded beyond the logic of outright exploitation of subjugated peoples. In the first part of this text, from the reading of Geertz (1989) and Berger (1985), we will try to relate the theme of culture and religion. The second part shall question the issue of religion in historical anthropology of conceptions of Marshall Sahlins.

Keywords: Anthropology. Religion. Colonization. James Cook. Marshall Sahlins.

O presente artigo tem como objetivo analisar o tema da cultura e da religião segundo a antropologia, utilizando aqui como referência os "encontros



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

coloniais” analisados sob a ótica da antropologia histórica, de M. Sahlins³⁸ (2003), especialmente o caso do capitão Cook, que, aportado em fins de 1778 e início de 1779 nas ilhas do Havaí foi ali tratado como figura divina, de acordo com a visão religiosa daqueles nativos, episódio que se revelou trágico com a morte do capitão. Muito mais que um fato histórico, o objetivo do antropólogo é a investigação das nuances estruturais que envolvem tal encontro e outros tantos “encontros” culturais, inclusive a da antropologia (a cultura científica) e a cultura nativa (o local). Há também, como pano de fundo, acerca da expansão capitalista e seu entendimento no âmbito microssocial, ou seja, que as relações colonizador e colonizados foi muito mais complexa que podemos supor a partir da ótica da exploração econômica.

O tema da religião justifica-se por ser tema recorrente e fundamental para compreensão dos fenômenos culturais e sociais, conforme podemos perceber nas teorias, tanto sociológica (Weber, 2004) quanto antropológica (Levi-Strauss, 2005). Neste artigo, esboçaremos o exercício que o antropólogo norte-americano realizou, a partir da reconstrução histórica e estrutural do encontro colonial, sendo que indicamos a leitura de Ribeiro (1995) para uma versão metodológica diversa, e que problematiza o encontro do colonizador português com o indígena no território que viria a se tornar o Brasil. Não podemos também deixar de referenciar que nos últimos tempos, não somente a sociedade brasileira testemunha a pauta religiosa se tornar cada vez mais política, e os temas sobre casamento, sexualidade tornarem-se aparentemente essenciais aos rumos sociais, gerando discussões cada vez mais extremadas e fundamentalistas.

38. Antropólogo norte-americano nascido em Chicago, em 1930. Formou-se em Antropologia na Universidade Michigan e obteve seu Ph.D. pela Universidade de Columbia em 1954. Foi professor em Michigan e Columbia, e desde 1973 é professor da Universidade de Chicago, onde tornou-se professor Emérito.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Desta forma, qual a relação entre religião e cultura? Como se pode compreender a cultura a partir dos “encontros coloniais” entre os havaianos e o colonizador inglês, estudado por Sahlins, a partir dos dados acerca da visão religiosa dos povos em questão? Desta forma, na primeira parte deste texto, a partir da leitura de Geertz (1989), procuraremos relacionar o tema da cultura e da religião. Na segunda parte, questionaremos o tema da religião nas concepções de antropologia histórica de Marshall Sahlins.

Geertz (1989) estabelece a necessidade da antropologia tomar para si o compromisso se tornar interpretativa, o que quer dizer, compreender o indivíduo não como preso a conceitos absolutos e universais, mas envolvido em “teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise” (Geertz, 1989, p. 15). Cultura é assim um conceito semiótico, e sua análise passa pela interpretação dos contextos, vontades e circunstâncias dos sujeitos. Assim, a Antropologia enquanto ciência, é interpretativa das teias da cultura e do indivíduo imerso nela. Mesmo assim, nessa concepção,

Os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente o “nativo” faz a interpretação em primeira mão: é a *sua* cultura.) Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são “algo construído”, “algo modelado” (...).

Nem sempre os antropólogos têm plena consciência desse fato: que embora a cultura exista no posto comercial, no forte da colina ou no pastoreio de carneiros, a antropologia existe no livro, no artigo, na conferência, na exposição do museu ou, como ocorre hoje, nos filmes. (Geertz, 1989, p. 25-26).

Assim, a interpretação ganha espaço em todas as relações humanas. A própria antropologia já não pode ser vista, de fato, como forma de conhecimento superior, mas como mais uma forma de conhecimento específico, ao lado de tantos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

outros, e mais: com lugar e aplicações específicas, assim como os saberes (a cultura) do nativo também possuem lugares e aplicações próprias, específicas e interpretativas. Assim, a etnografia, o objeto da antropologia no desvendar da cultura, tem três características: 1) é interpretativa; 2) ela interpreta o fluxo do discurso social; 3) a interpretação consiste em uma tentativa de salvar o que foi dito no discurso da sua possibilidade de extinção (Geertz, 1989, p. 31).

Segundo ele, ainda, o conceito de cultura é fundamental para o próprio conceito de homem. O homem humaniza-se a partir da cultura diária e nativa, e só pode ser compreendido se interpretado nesse contexto:

Quando vista como um conjunto de mecanismos simbólicos para controle do comportamento, fontes de informação extra-somáticas, a cultura fornece o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que eles realmente se tornam, um por um. Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas (Geertz, 1989, p. 64).

Percebemos que tal afirmação possui uma forte tendência às teses weberianas acerca da sociedade e da ação social dos indivíduos. Humanizar-se é individualizar-se, nesta concepção. Mas a individualização é calcada na história e na sociedade, ou ainda, nos padrões culturais. Assim sendo, o conceito de cultura de Geertz tem múltiplos referenciais, segundo ele:

Ele denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seus conhecimentos e suas atividades em relação à vida. (Geertz, 1989, p. 64).

É neste ponto que fazemos a ponte entre cultura e religião. O estudo da



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

religião, suas interfaces e relações com a cultura já vem de longa data. Franz Boas, considerado um dos clássicos da Antropologia, em um ensaio de 1910, intitulado **A religião dos índios americanos**, considera a religião como o grupo de conceitos e atos que surge da “relação do indivíduo com o mundo exterior, desde que essas relações não sejam atribuídas a forças físicas cuja ação pode ser explicada por considerações puramente racionais” (Boas, 2004, p. 311). Assim, por mais transcendente que possa parecer, a religião tem relação estreita com a forma que os indivíduos encaminham suas vidas, segundo o autor alemão. No entanto, na religião não há espaço para o “puramente racional”? Para aquilo não é, e nem pode, ser completamente explicado?

O peso simbólico e tradicional da religião nas sociedades é, sem dúvida, fundamental para a compreensão da cultura. A religião emerge como sistema altamente simbólico, que forma e que dá sentido às sociedades e aos homens que comungam da cultura desta. Assim como o texto **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo** de Weber (2004) demonstra, a religião dá sentido às transformações do mundo, e no caso da ética protestante, foi essa que melhor se adaptou ao “espírito” do capitalismo e as abruptas e radicais transformações que vieram em seu bojo. A religião, de acordo com Geertz, deveria ser mais estudada, pois:

A noção de que a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana não é novidade. Todavia, ela também não é investigada e, em termos empíricos, sabemos muito pouco sobre como é realizado esse milagre particular. Sabemos apenas que ele é realizado anualmente, semanalmente, diariamente e, para algumas pessoas, até a cada hora, e dispomos de uma enorme literatura etnográfica para demonstrá-lo. (Geertz, 1989, p. 104).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Ainda segundo ele, o estudo etnográfico religioso deve se operar em dois estágios: 1) uma análise do sistema de significados simbólicos da religião; 2) o relacionamento desses sistemas nos processos sócio-estruturais e psicológicos. Em certa medida, é o que pudemos encontrar nas análises históricas de Sahlins (2003).

A religião deve ser questionada cientificamente, principalmente para a compreensão da relação entre o cosmos sagrado e as práticas mundanas. A necessidade de dados empíricos, compreendemos com o posicionamento da historicidade da religião. Como a manifestação religiosa influi no sujeito? Como o cosmos sagrado atua dialeticamente nas ações humanas? Vejamos a posição de Berger:

A religião é o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado. Ou por outra, a religião é a cosmificação feita de maneira sagrada. Por sagrado entende-se aqui uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e todavia relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos da experiência. (Berger, 1985, p. 38).

A experiência do sagrado implica, portanto, em uma experiência. Ou seja, no contato com objetos criados pela humanidade, em suas múltiplas determinações históricas. É a experiência que nos re-liga ao sagrado, “algo de extraordinário e potencialmente perigoso, embora seus perigos possam ser domesticados e sua força aproveitada para as necessidades humanas” (idem, p. 39). O profano se constitui das rotinas da vida do dia-a-dia, que não possuem potencialidade extraordinária, e nem perigo à cosmovisão. A religião constitui-se de práticas objetificadas da humanidade, oriunda de sua *praxis*. Conforme Berger (1985), o entendimento cultural da Religião implica no conceito de objetivação, ou seja, no homem como um ser que se faz a partir de sua base biológica, mas que dá um salto sobre a natureza.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Objetivar é criar objetos que são incorporados na consciência a partir da exteriorização (por o objeto para fora; imaginar uma solução à uma dada necessidade e criar, no mundo material, um objeto que a solucione) e da interiorização (assimilar os objetos criados pela cultura e incorporá-los em nosso patrimônio da consciência). Berger utiliza-se das categorias marxianas para elaborar esta teoria, embora coloque ressalvas ao marxismo. Sendo assim, a materialidade do objeto é a materialidade presente nas relações humanas. Os símbolos, a fala, o misterioso podem ser invisíveis aos olhos, mas sem dúvida são reais. Assim sendo,

Toda sociedade humana é um edifício de significados exteriorizados e objetivados, que tendem sempre a uma totalidade inteligível. Toda sociedade está empenhada na empresa nunca completada de construir um mundo de significado humano. A cosmificação importa na significação desse mundo humanamente incompreensível com o mundo como tal, fundando-se agora o primeiro deste último, refletindo-o ou derivando dele nas suas estruturas fundamentais. (Berger, 1985, p. 40)

Se a cultura pode ser entendido como o conjunto das objetivações que o homem tem acesso (e é este acesso que faz o homem, humano, ou melhor, dá qualidade à nossa humanidade), as relações sociais produzem também a alienação. Este fenômeno acontece e se caracteriza pela separação da consciência humana das objetivações. O objeto, ainda que um produto humano, se torna estranho, alienado, separado, sem a possibilidade da interiorização e da dialética. A alienação impede a humanização e possibilita o domínio dos homens sobre outros. Para Marx, a alienação deveria ser compreendida e resolvida em seu viés econômico, mas Berger (1985) a considera em sua dimensão religiosa:

A “receita” fundamental da legitimação religiosa é a transformação de produtos humanos em facticidades supra-humanas ou não-



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

humanas. O mundo feito pelo homem é explicado em termos que negam sua produção pelo homem. O nomos humano torna-se um cosmos divino, ou, pelo menos, uma realidade cujos significados são derivados de fora da esfera humana. (...) O que se pode ser investigado, todavia, é a tendência fortíssima da religião em alienar o mundo humano em processo. Por outras palavras, ao postular o estranho em oposição ao humano, a religião tende a alienar o humano de si mesmo. (Berger, 1985, p. 102)

Se a religião tem esse poder inerente, conforme Berger (1985), o poder da alienação, nos cabe compreender a historicidade deste fenômeno. Devemos aqui sustentar que a alienação religiosa não acontece descolada da totalidade social. Na próxima parte deste artigo, apresentaremos a análise antropológica e histórica do “encontro colonial”, ou seja, como houve o encontro de religiosidades de diferentes povos em um contexto bastante específico: a formatação e ao mesmo tempo expansão do capitalismo. Portanto, a religião tem relações muito estreitas com a cultura, e o modo de vida dos povos. Se a cultura deve ser interpretada para ser compreendida, a religião e sua forma de vivenciá-la cotidianamente também deve ser objeto de interpretação e questionamento por parte não apenas do antropólogo, mas do humanista em geral.

Encontros coloniais, a religiosidade e o capitalismo: Marshall Sahlins e o caso do Capitão Cook.

Em dois textos do seu livro **Ilhas de história**, M. Sahlins (2003) trata do encontro entre os hawaianos e o Capitão James Cook, no final do século XVIII: **Suplemento à viagem de Cook; ou “le calcul sauvage” e Capitão James Cook; ou o Deus Agonizante**. Nos dois ensaios, Sahlins irá trabalhar com o encontro entre duas culturas: os hawaianos e os ingleses, e, mais ainda, o choque que isso



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

gerou.

A discussão do antropólogo norte-americano baseia-se em compreender como culturas nativas e suas estruturas sociais foram conformadas pela expansão capitalista, ou seja, como tal mudança cultural, “induzida por forças externas mas orquestrado de modo nativo, vem ocorrendo há milênios” (Sahlins, 2003, p. 9). Isto por que as sociedades primitivas não são “tão isoladas quanto a antropologia em seus primórdios, obsecada pelo interesse evolucionista com o antigo, gostaria de acreditar” (idem, p. 9). A tese defendida por ele é que a sociedade havaiana não foi mera vítima do capitalismo nem teve atitude passiva, já em franca globalização no século XVIII, mas que a população nativa tem papel crucial na forma que a força externa foi implantada (LANNA, 2001).

Os acontecimentos envolvem os navios Resolution e Discovery, comandados pelo Capitão James Cook, no final do ano de 1778 e início de 1779, na costa do Hawaii. Recepcionado por cerca de dez mil nativos (cinco vezes mais que a população local normal), que cantavam e o exultavam, se atiravam ao mar em canoas ou aos braços, com presentes locais de toda ordem. Foi no Hawaii que Cook permitiu as relações sexuais dos seus marinheiros com as nativas locais, que havia sido proibido em janeiro de 1778, temendo o “Mal Venéreo”.

Uma vez já na praia, o sacerdote levou Cook pela mão até o templo de Hikiau. As pessoas que estavam em seu caminho corriam para suas casas ao ouvirem os gritos de “Ó, Lono” do arauto, ou prostravam-se no chão. Lono é o deus associado à reprodução humana e ao incremento natural que retorna anualmente às ilhas junto com as águas fertilizantes do inverno; ele também é o rei antigo em busca de sua noiva sagrada. Em janeiro de 1779, o capitão Cook foi levado a cumprir no templo os ritos de boas-vindas a Lono. Cook tornou-se realmente a imagem de Lono (Sahlins, 2003, p. 141).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Algumas semanas após este episódio, Cook foi morto pelas mãos dos nativos que o endeusaram. Claro, devemos mencionar aqui que há um debate antropológico acerca do significado da divinização de Cook em Lono, a partir do questionamento do antropólogo Obeyesekere, sintetizado por Silva: “Para Obeyesekere, Cook foi alvo de um ‘ritual de investidura’ que fez dele um alto chefe havaiano (leia-se humano) e somente após sua morte é que foi ‘deificado’ pelos havaianos” (Silva, 2002, p. 408). Tal ideia releva-se plausível, como discutiremos adiante, mas não aprofundaremos aqui o debate acerca de tais concepções. O que é importante é que Cook foi inserido na cosmovisão teológica havaiana, e isto gerou consequências sociais de grande relevância.

A fim de explicar tais acontecimentos, Sahlins nos traz noção de Incidentes paradigmáticos. Esses são os eventos privilegiados nas sociedades ditas “performativas”, que são sociedades mais propensas à reorganização social devido às contingências do que aquelas baseadas na ritualística. Evento, segundo Sahlins, “é a relação entre um acontecimento e a estrutura (ou estruturas): o fechamento do fenômeno em si mesmo enquanto valor significativo, ao qual se segue sua eficácia histórica” (Sahlins, 2003, p. 15, grifo no original). Ou seja, o evento deve adquirir significação histórica, deve adquirir importância interpretativa. O incidente paradigmático, nesse sentido, é um evento que adquiriu importância para a sociedade performativa e passou a integrar a história dessa sociedade. As viagens do Capitão Cook para o Havaí que ocasionaram a sua morte foram incidentes paradigmáticos no sentido que tiveram significação profunda para as duas sociedades envolvidas (que são, nesse caso, as duas performativas: a havaiana e a sociedade inglesa/ocidental moderna), tanto para os havaianos, quanto para os ocidentais que tiveram que repensar o seu imperialismo, nos fins do século XVIII:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

“Assim, somos lembrados – em um brilhante ensaio de Bernard Smith (1979) – que se Cook morreu como um deus havaiano, também encarnara um novo tipo de imperialismo europeu” (Sahlins, 2003, p. 167).

Assim, Sahlins preocupou-se com a cultura desses “encontros” entre povos que se transformaram em eventos históricos. Assim, para ele, há uma interação entre cultura, história e indivíduos:

A história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os esquemas de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática. A síntese desses contrários desdobra-se nas ações criativas dos sujeitos históricos, ou seja, as pessoas envolvidas. (Sahlins, 2003, p. 7).

Assim, sua análise está no caminho de idas e voltas na cultura concebida como quadro referencial e ações sociais episódicas. Os mitos têm a capacidade de orientar e significar ações. As ações, sobretudo imprevistas, como o caso de Cook são a possibilidade das sociedades reviverem situações míticas. As estruturas semióticas culturais não são vistas por ele como monolíticas, intocáveis e de coerência perfeita: o risco da ação afetar a estrutura está sempre presente, pois, quando a interpretação mítica se revela equivocada, os homens alteram seu rumos.

A interpretação é assim, a forma que o individuo altera seu rumo e cria a história, e a forma que o evento é (re)contado. É interessante notar que o próprio Sahlins considera que “essa é um discussão ideal-típica sobre como as estruturas se realizam no interior da ordem cultural e acima do curso histórico” (Sahlins, 2003, p. 11). Continua ele, essas são estruturas com historicidades diversas, ou



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

melhor, que estão diferencialmente abertas para a história. Assim, segundo ele, “as ordens performativas tendem a assimilar-se às circunstâncias contingentes, enquanto as prescritivas tendem a assimilar as circunstâncias a elas mesmas, por um tipo de negação de seu caráter contingente e eventual” (Sahlins, 2003, p. 13).

O choque de culturas no caso analisado por ele se deu em todos os aspectos da vida cotidiana. As relações entre os ingleses e as havaianas foram, desde sempre, muito sexualizada: “as mulheres se ofereciam por acreditarem em um deus, e os marujos as aceitavam por terem esquecido a sua existência” (Sahlins 2003, p. 26). São duas sociedades com estruturas sociais e culturais diferentes que devem conviver e se adaptar: a havaiana e os marinheiros ingleses. Para a cultura havaiana, que o sexo é componente fundamental da vida social e da liberdade das pessoas, sendo parte essencial até da religiosidade, a vinda dos navios ingleses, em determinada data foi de encontro com diversos mitos daquele povo. Assim, o sexo com os marinheiros era feito como um mandamento divino. Os marinheiros, ao contrário, são oriundos da cultura ocidental, onde o sexo é visto mais como algo a ser ocultado e com objetivo primordial de procriação humana (o mandamento / referencial religioso é: crescer e multiplicar). Desta forma, para que a cultura dos marinheiros se amoldasse a situação que viviam, passaram a agir como se “não existe Deus algum para esse lado do Cabo Horn”, ou seja, como que abandonaram sua religiosidade para poder se relacionar livremente com as havaianas. Mas claro, ainda assim, seguiam os padrões culturais originários de sua terra: “Assim mesmo, não recebeu inicialmente o título de ‘prostituição’, que em breve receberia. (...) Ainda assim os marinheiros sabiam retribuir os serviços prestados. Para ser mais preciso, eles reificavam as carícias das mulheres como ‘serviços’” (Sahlins, 2003, p. 27). Assim, o que era divino e religioso, pelo lado dos nativos, era pecaminoso e

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

libidinal para os colonizadores. Para as havaianas, o sexo deveria ser prazeroso, e daquelas relações, acreditavam que poderiam gerar filhos dos deuses, de acordo com seu cálculo transcendental.

Mas nessa complexa relação, não apenas as mulheres procuravam os marujos para as relações sexuais, mas os homens as levavam também: suas mulheres, irmãs e filhas. Era a hipergamia espiritual, ou a hospitalidade dos havaianos em relação aos “seres superiores”. Sahlins, assim demonstra que a sociedade havaiana possuía uma estrutura social totalmente distinta da sociedade ocidental. Enquanto nós ocidentais usamos a medida da personalidade a propriedade privada das pessoas, para os havaianos, essa medida se dava pela sexualidade das pessoas, e inclusive era o que definia o papel do sujeito na sociedade: “ a estrutura do reino é a forma sublimada de suas forças de atração sexual” (Sahlins, 2003, p. 39).

Não podemos esquecer a dimensão política da religiosidade havaiana. “No ‘esquema cultural’ havaiano, todo novo chefe é concebido como um usurpador que vem de fora fertilizar a terra com seus poderes divinos.” (Lanna, 2001, p. 119). A concepção de mundo nativa implicava que a civilização vinha de fora para dentro, e que o chefe é necessariamente um elemento hostil. Aqui vem a diferença sutil entre o sistema de religião baseada no amor e na sexualidade para um sistema político baseado na violência.

Violência e sexo: duas extremas forças (a destruição e criação; morte e vida) que são comumente relacionadas à animalidade e natureza do homem. Tanto uma, como outra parecem nos escapar da cultura, e são relacionadas com nosso impulsos animais de sobrevivência. São, no entanto, elementos mediados pela cultura. A violência e a sexualidade humana são, propriamente, humanos, pois são



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mediados pelos conteúdos e “fantasmas” que habitam nossa consciência, inclusive a ideia que nos desumaniza quando somos violentos ou quando fazemos sexo, ou quando fazemos os dois. O sistema cultural havaiano (e não só o havaiano, mas o cristão também) estabelecia um *ethos* para a vivência do amor e da violência, mediado pelas normas da transcendência religiosa. O inglês, estrangeiro nas terras e na cultura, usufruiu dos corpos das mulheres havaianas, que se entregavam religiosamente à fertilidade prometida. Os ingleses, porém, desconheciam as regras envolvidas na entrega do amor pelas havaianas, e reiteradamente passaram a descumpri-las, ainda que por ignorância, os tabus sociais do amor na cultura nativa.

As relações deste encontro começaram também a se tornar cada vez mais tensas quando os furtos dos havaianos começaram a ficar mais frequentes, e quando os chefes começaram a participar, ainda que indiretamente, da subtração dos bens dos navios ingleses, conforme Sahlins (2008). De “insolência” a ousadia dos furtos passou a estremecer tal relação e a incomodar os ingleses. A violência chegara ao ponto do roubo do veleiro guarda-costas com o espancamento de um destacamento britânico. Com um grupo de fuzileiros navais, o capitão Cook conduzia o rei Kalaniopuu sob custódia quando uma comitiva de notáveis e a esposa do rei interveio. O rei abatera-se, amedrontado. Ao mesmo tempo, uma multidão chegou, hostil a Cook e sua comitiva. O que se seguiu, foi a tragédia.

Cook foi forçado a atirar (inutilmente) num homem que o ameaçava com uma longa adaga de ferro. (...). Os vários relatos daquilo que se seguiu são confusos, mas unânimes em afirmar que a multidão pegou em armas, passou ao ataque, e que Cook caiu – pelo golpe, novamente, de uma adaga de ferro. Foi um assassinato ritual, afinal, coletivamente administrado: mais de uma centena de havaianos se precipitaram sobre o deus caído para participar de sua morte. (Sahlins, 2008, p. 54).

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Após tal evento, “na última inversão ritual, o corpo de Cook seria oferecido como um sacrifício pelo rei havaiano” (Sahlins, 2003, p. 142). Tal inversão nos adverte o antropólogo norte-americano, em nada contrariava o pensamento polinésio e era uma possibilidade, considerado o combate real. Outra ideia polinésia aqui cabível retrata a condição humana: “os homens às vezes (ou mesmo freqüentemente) são compelidos a infligir uma derrota ao deus para garantir sua existência, através da apropriação do poder feminino – a terra que sustenta e nutre” (idem, 147). Desta forma, o assassinato de deus é perfeitamente condizente com a visão de mundo havaiana, e, considerando a lógica da usurpação do poder político, a violência aplicada ao deus confere ao homem a usurpação de seu poder alienado. A mulher, fundamental para a fertilização (e Lono era o deus-fértil) aparece aqui novamente: ela deve retornar ao domínio do homem, para que possa sustentar, nutrir e gerar. Reforcemos a ideia da alienação, como discutimos acima:

Os homens, assim, aproximam-se do divino, portanto, com uma mistura curiosa de submissão e orgulho, cujo objetivo final é transferir para si a vida que os deuses originalmente possuem e continuamente incorporam e que somente pode ser concedida por eles. Uma relação complexa entre súplicas e expropriação, sucessivamente trazendo o sagrado para o domínio humano e dele o banindo. A vida humana só é possível através de uma espécie de deicídio periódico. Caso contrário, o deus é separado dos objetos da existência humana por atos de devoção que seriam iguais na vida social ao roubo e à violência – para não falar em canibalismo. (Sahlins, 2003, p. 149).

Esta seria a dialética da religião havaiana, que aliena e objetiva sua religião inserindo-a na lógica humana. A morte de Cook foi o mote para de o rei Kalaniopuu fosse posteriormente assassinado por envenenamento por seu



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sucessor e assim a lógica da estrutura do mundo havaiano continuasse a seguir, inserindo este evento em sua cadeia. A cosmovisão havaiana objetiva e aliena seus deuses, estabelecendo assim a diferenciação do sagrado e do profano. Sexo, roubo e violência são atividades profanas, a não ser que sejam inseridas nos mistérios da fé, que abriga e orienta a violência humana. Trata-se aqui de uma religião de guerreiros, e tanto sua violência, quanto o seu amor violento devem ser canalizados para a construção do mundo. Sem falar no canibalismo: quando a carne e o espírito do outro é incorporada no homem, assim como no sexo: a incorporação da carne e do espírito do outro, que gera uma nova vida e transforma o mundo.

Cook foi morto pela série de incidentes que ocasionaram esse evento. No entanto, o colonizador não buscou vingança, não fez uma guerra. Ele aprendeu com isso, e hoje, o Havaí pouco conserva de sua originalidade, de sua religiosidade sexual e violenta. Cook foi um homem da modernidade, e, conforme escreveu em seu diário: “Esses são os companheiros inevitáveis do homem que faz Descobrimientos” (Sahlins, 2003, p. 168), tais riscos eram calculáveis e valiam a pena ser vividos por algo maior. Colonizadores dominaram seus colonizados, não há dúvida, mas tal dominação foi socialmente mais complexa (humanamente complexa) que tradicionalmente aprendemos. Finalmente, Sahlins nos dá preciosas lições, inclusive de política:

Sahlins destaca a relação entre cosmologia e história e a importância da dimensão simbólica da análise política. Aos povos colonizados não resta apenas a “esperança” de deixar de pensar simbolicamente e passar a ter uma visão racional. Afinal, não há povo que não classifique e construa simbolicamente seus universos culturais. (Schwarcz, 2000, p. 131).

Podemos questionar: e o que é a racionalidade, se até mesmo o europeu



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

agiu por meio de uma visão de mundo simbólica e mística, com a ilusão da razão? Tais questões expostas através da antropologia histórica são fundamentais para o nosso tempo, onde a religião cada vez mais se torna fundamentalista e determina não mais o sagrado, mas o profano, o cotidiano das pessoas. No Brasil dos dias atuais a religião (ou, as bancadas religiosas) tem cada vez mais estabelecida a pauta política, mas retirada dos aspectos racionais da fé cristã. Em uma sociedade tão carente de bens culturais e sociais, parece que o rumo da sociedade vai se resolver com a imposição de um determinado tipo de família e um determinado tipo de padrão sexual. A homossexualidade deve ser perseguida e extirpada da nossa sociedade, sendo considerada a inimiga da fé. Novamente, o amor, o sexo e a violência. Quantos e quais deicídios serão necessários para idealizarmos uma sociedade que rechace a alienação em sua base estrutural?

Referências

- BERGER, P. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOAS, F. **A formação da antropologia americana: 1883-1911**. Rio de Janeiro: Contraponto/ UFRJ, 2004.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- LANNA, M. "Sobre Marshall Sahlins e as 'cosmologias do capitalismo'". In: **Mana**, Rio de Janeiro, v. 7 n 1, p. 117-131, 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132001000100006&script=sci_arttext. Acesso em 10/06/2015.
- LEVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Papyrus, 1989.
- RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SAHLINS, M. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. **Metáforas históricas e realidades míticas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- SILVA, C. "Sobre a interpretação antropológica: Sahlins, Obeyesekere e a racionalidade havaiana". In: **Revista de Antropologia**, São Paulo: USP, v. 45 n. 2, p. 403-416, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?>



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

[script=sci arttext&pid=S0034-77012002000200004](#). Acesso em 10/06/2015.

SCHWARCZ, L. "Marshall Sahlins ou por uma antropologia estrutural e histórica".

In: Cadernos de campo, n. 9, p. 125-133, 2001. Disponível em

<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/53108/57170> .

Acesso em 10/06/2015.

WEBER, M. **A ética protestante e o "espírito do capitalismo"** . São Paulo: Companhia das Letras, 2004.